

MEMÓRIAS E PRÁTICAS TRANSFRONTEIRIÇAS DO POVO GUARANI

Rayane Pereira G. Costa¹
Clovis Antonio Brighenti²

RESUMO

O presente artigo (ainda no formato de um projeto em fase de implantação) tem como objetivo problematizar as construções historiográficas das fronteiras nacionais e as práticas do povo Guarani a partir dos estudos sobre as dinâmicas de mobilidade, territorialidade e espacialidade na região da tríplice fronteira entre Paraguai, Argentina e Brasil e seus desafios na perspectiva sócio cultural e a organização dos Estados Nacionais. Constatamos que as políticas públicas são aplicadas de maneira diferentes em cada Estado tendo em comum desrespeito as dinâmicas próprias do povo. Os limites impostos pelas fronteiras geram formas distintas de resistência, passando por processos de desafios diários com a questão da mobilidade, muitas vezes impedidos de cruzá-las ou tendo que depender da benevolência de guardas nas aduanas, já que é comum a visita a parentes nascidos em outros lugares. O principal desafio é com a territorialidade onde ocorrem as disputas diretas ou indiretas pela conquista e recuperação de suas terras originárias. Nesse cenário a construção da Hidrelétrica de Itaipu Binacional no início dos anos 80 do século passado, é um marco histórico no processo de violação dos direitos humanos com o alagamento de mais de 40 Tekoha em ambas as margens do rio Paraná. A população ficou confinada em pequenos territórios e cercados de interferências externas como o agronegócio. Nesse cenário, os Guarani da margem esquerda do rio Paraná passaram a ser considerados estrangeiros, cunhados de paraguaios, mestiços ou integrados, em desrespeito total a sua identidade. Nesse contexto, desenvolvemos um projeto de pesquisa com Iniciação Científica (IC) a fim de compreender historicamente esse contexto sobre como se configuraram as formas de colonização. Nossa metodologia será um diálogo permanente com os saberes e práticas Guarani. Ainda não há dados conclusivos, porém já identificamos elementos que apontem para estabelecer metodologias de compreensão desses desafios na dimensão micro (tríplice fronteira) e macro (âmbito continental) que nos auxiliarão ver essa população em seu diferentes contextos, sem disjunção o desconexão e tampouco, não perceber as particularidades dos contextos.

RESUMEN: El presente artículo (aun en formato de un proyecto en fase de implementación) tiene como por objetivo problematizar las construcciones historiográficas de las fronteras nacionales y las practicas del pueblo Guarani, a partir de los estudios sobre las dinámicas de movilidad, territorialidad y espacialidad en la región de la triple frontera entre Paraguay, Argentina y Brasil y sus desafios en la perspectiva socio cultural y la organización de los Estados Nacionales. Constatamos que las políticas públicas son aplicadas de manera diferentes en cada Estado, teniendo en comum des respeito de las dinámicas propias del dicho pueblo. Los límites impuestos por las fronteiras generan formas distintas de resistencia, pasando por procesos de desafios diários con la cuestión de movilidad, muchas veces impedidos en cruzar o teniendo que depender de la voluntad de guardias en las aduanas, ya que es comum la visita a los parientes nacidos en otros lugares. El principal desafio es con la territorialidad donde ocurren las disputas directas o indirectas por la conquista y recuperación

¹Estudante de História na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) rayanecosta.pg7@gmail.com

²Professor de História Indígena na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) clovis.brighenti@unila.edu.br

de sus tierras originarias. En este escenario la construcción de la Hidroeléctrica de Itaipu Binacional en el inicio de los años 80 del siglo pasado, es un marco histórico en el proceso de violación de los derechos humanos con la inundación de más de 40 Tekoha (En español quiere decir lugar) en ambas las márgenes do rieron Paraná. La población quedo confinada em pequeños territorios y cercados de interferencias externas como el agro negocio. En ese escenario, los Guarani de la margen izquierda del rio Paraná pasaron a ser considerados extranjeros, de sus propios territorios. Cuñados paraguayos, mestizos o integrados, en des respeto total a sua identidad. En ese contexto, desenvolvemos um proyecto de investigación con Iniciación Científica (IC) a fin de comprender historicamente ese contexto sobre; como se configuran las formas de colonización. Nuestra metodología será através de un diálogo permanente con los saberes y prácticas Guarani. A un hay datos conclusivos, pero identificamos elementos que apunten para establecer metodologias de comprensión de esos desafios en la dimensión micro (triple frontera) y macro (ámbito continental) que nos auxiliaran a ver essa población en sus diferentes contextos, sin división o desconexión y tampoco, por lo tanto, percibir las particularidades de los contextos.

Palavras chaves: Mobilidade, Territorialidade, Espacialidade, Estados Nacionais e Guaranis

Introdução

Os Guarani contemporâneos ocupam um território que extrapola as fronteiras dos Estados Nacionais de países do Cone Sul da América, estão presentes na Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai. São conhecidos como Kaiowa (Brasil) ou Pãi-Tavyterã (Paraguai); Mbya (Brasil, Paraguai e Argentina - até recentemente havia também algumas famílias vivendo no Uruguai); Avá Guarani ou Xiripa (Brasil, Argentina e Paraguai); Guarani Ñandeva (Paraguai); Aché, e Nhandeva (Paraguai). Na Bolívia, os Guarani são denominados Chiriguano, nome genérico dado a partir de fora. Ocupam partes do que é hoje a Argentina (especialmente os Tapui, no noroeste) o Paraguai (Guarayo/Gwarayu e Tapieté, no departamento de Boquerón) e a grande maioria na própria Bolívia (Gwarayu, Ava Guarani, Tapieté, Ioseño, Mbia e Yuki, nos departamentos de Santa Cruz, Tarija e Chuquisaca) perfazendo mais de 350 comunidades apenas na Bolívia. Organizam-se politicamente em torno da *Asamblea del Pueblo Guarani* - APG. A APG representa os Guarani nos três países citados, e tem como meta a “*Autonomía Territorial Guarani*”. Segundo essa organização, a população Guarani ultrapassa 200 mil pessoas.

A recorte desse território por fronteiras internacionais foi realizado desde antes da invasão de Portugal e Espanha, pela bula Inter Caetera de Alejandro V e o Tratado de Tordesilhas, depois reafirmado por diversos outros tratados entres as monarquias. A partir do século XVIII começaram a acirrar as disputas para proteger os limites entre as fronteiras da

América espanhola e portuguesa afim de reafirmar seus poderios ibéricos e estabelecer um controle maior entre seus territórios (WILDE, 2009). Por consequência, a consolidação da formação dos Estados que obtinham a necessidade estratégica de legitimar o fortalecimento de suas soberanias através das fronteiras com a presença do militarismo e a intolerância patriota, ocorreu sobre o espaço Guarani transformações recortando seu território em fronteiras geográficas com o objetivo de consolidar os confins de poder dos países. Essas fronteiras se tornaram barreiras quase que intransponíveis para os Guarani, que resistem a esse processo.

O desrespeito aos Guaranis contemporâneos é uma realidade cotidiana, mas em uma região fronteiriça é mais evidente, pois existem problemáticas específicas que precisam ser debatidas e solucionadas juntamente com os estados e aldeias. Mas o que ocorre sempre é a imposição do Estado, que não pensa em situações especiais dos indígenas, e quando se trata de três países com leis e perspectivas distintas a dificuldade é maior e isso reflete diretamente na vida dos Guaranis. Dessa forma os Guarani nunca foram ouvidos no processo e como forma de não reconhecimento dessa imposição continuam sua mobilidade, agora enfrentando inúmeros desafios por terem que relacionar-se com quatro diferentes Estados (Nacionais). Isso consequentemente gerou mudanças e resistências entre os guaranis locais, tanto pela divisão, tomada de seus territórios e migrações quanto pela sobrevivência e impasses de conflitos internos desencadeada pelos colonos.

As organizações sociopolíticas contemporâneas são um desafio a essa população bem como um instrumento de resistência. Buscam contemplar em seu universo organizativo aspectos relacionados às práticas e conhecimentos tradicionais com as dinâmicas da organização política moderna. É no diálogo que buscam manejar os diferentes ensinamentos e fazer valer seus direitos. Nessa perspectiva, os objetivos do projeto de pesquisa visam compreender as dinâmicas atuais de relações sócios culturais, mobilidade, territorialidade e espacialidade Guarani no contexto da tríplice fronteira Argentina, Brasil, e Paraguai e estabelecer análise historiográfica entre práticas dos Estados Nacionais e práticas Guarani de rompimento das fronteiras por suas ações políticas e socioculturais.

Guarani estrangeiro

Um discurso comum entre os países, sobretudo no Brasil, é a apelação ao estrangeirismo e não reconhecimento desses povos dentro de seus territórios, como um não

pertencimento dentro do âmbito nacional, afim de negar seus direitos e invisibilizar suas problemáticas como forma de exclusão social. Foram várias tentativas de desintegração nos séculos XIX e XX, que por sua vez foi superada pela resistência contínua aos programas promovidos para torná-los parte da nação, sem levar em consideração sua diversidade e suas necessidades reais, por não quererem viver de acordo com o sistema políticoeconômico, social e cultural dos estados.

Na Argentina, o discurso é a alegação que seus territórios já foram demarcados e com isso revela a omissão do problema, já que na verdade suas terras foram desapropriadas intrinsecamente pelas províncias. No Paraguai, o discurso usado foi a mestiçagem, que serviria como um aglutinador da homogeneização ideológica do povo paraguaio, para transformá-los em agricultores e novos componentes da sociedade, remetendo aos Guaranis não mais povos da terra mas estrangeiros nela, mesmo sendo um país cujo uma de suas línguas oficiais seja o guarani, revelando o não reconhecimento indígena em seu meio.

Afinal os indígenas não ingressaram na história apenas no século XV durante o período colonial, a arqueologia é um importante instrumento para demonstrar a longevidade da presença dessas populações no continente (CARNEIRO DA CUNHA, 1992), nesse sentido amplia-se os universos de fontes para além da produção escrita, sejam de indígenas ou não indígena, deslocando-se para a cultura material e imaterial, dos conhecimentos e saberes transmitidos na oralidade. As relações estabelecidas com indígenas na atualidade não podem ser pautadas pelos conceitos de transitórios ou mesclados sugerindo que esses seriam menos indígenas que as gerações passadas, mas na relação de sujeitos históricos de seu tempo, agindo a partir das condicionantes temporais e tradicionais.

Uma das principais características dos Guaranis e talvez a mais abordada na etnologia, diz respeito a mobilidade. Segundo Melià (1989, p. 294) “a migração, como história e como projeto, constitui um traço característico dos guarani,” embora reconheça que muitos grupos nunca tenham realizado uma migração efetiva. As migrações receberam interpretações variadas desde a busca da Terra Sem Mal (NIMUENDAJU, 1987; MÉTRAUX, 1927), a fuga das violências físicas, epidemias, escravização e maus tratos (FAUSTO, 1992), como a busca de espaços ambientalmente preservados, ou seja, Terra Sem Mal, como “*suelo intacto, que no ha sido edificado*” (MELIÀ, 1991). As diferentes interpretação não representam exclusões, ao contrário, evidenciam que a dimensão ambiental adquire relevância significativa nos estudos de mobilidade e conflitos atuais. De fato pode ser compreendido que até o momento da invasão, que as migrações eram parte de seu cotidiano, no entanto os fatores mudaram, antes

podem ser classificados como "naturais", como parte do ser Guarani, já que os motivos eram muito mais atribuídos por suas características internas. Pouco a pouco os deslocamentos foram se tornando mais constantes até a criação dos limites determinados pelas fronteiras que afinaram os territórios guaranis, introduzindo a uma perspectiva de pertencimento aos estados Nacionais, e depois a propriedades privadas. Na história oficial dos três países, como forma de extinguir indiretamente e silenciosamente esses povos, alguns órgãos foram criados com o intuito de promoverem programas de sedentarização e desmembramento de suas culturas, afim de serem "úteis ao estado" trabalhado como agricultores e gerando retorno ao mercado consumidor, homogeneizando e por fim empobrecendo-os com a aplicação do capitalismo.

Atualmente, o discurso mudou, mas a prática continua sendo sob forma de apropriação desses povos: "Hoje a integração é praticada como transformação da cultura em folclore e a manutenção da cultura diferenciada como atrativo comercial, inserindo os povos indígenas na economia de mercado, especialmente na área de turismo"(BRIGHENTI, 2010 p.265).

A preservação da memória indígena tem se atrelado a ideia de mito e a patrimonialização de caráter turístico, as ruínas jesuíticas, por exemplo, são vistas para os Guaranis, como um lugar sagrado, envolvidos de histórias contadas entre gerações, como uma confirmação da presença dos keruítas, já para as organizações de tombamento e estado giram em torno do lucro.

A representação da terra

Não conseguindo desviar seus valores, tradições e a Nação Guarani, os colonos conseguiram possuir o único bem tangível mais precioso para esses povos, a apropriação de suas terras. Para os não indígenas de acordo com a perspectiva ocidental, branca e europeizada, a terra significa um bem privado, com objetivo de exploração de seus recursos para produzir e acumular capital, uma relação de superioridade e inferioridade com a terra, a vegetação e os animais presentes. Usando essa justificativa ao longo das décadas dos dois séculos anteriores os Guaranis perderam seus territórios e seus espaços. Hoje restaram pequenas parcelas do que seriam suas terras originárias, a demarcação de reservas indígenas não é uma solução em longo prazo e é muito mais uma investida de brancos para solucionar o "problema indígena", uma vez que estas áreas estão cada vez mais limitadas, rodeadas por latifúndios privados e a presença violenta do agronegócio com o uso de agrotóxicos e

fertilizantes, deflorestação ocasionada pelo desmatamento da própria agricultura e empresas legais ou ilegais, as reservas das áreas de conservação ecológica como as propriedades da Itaipu e não menos importante a violência, consequência de contatos com não indígenas, podendo ser opressão, imposição, ameaças e brigas diretas que podem resultar em agressões físicas ou mortes. Além disso, o confinamento em uma área que não satisfaz a necessidade desses povos seja pelo pouco espaço, que impede a inserção de famílias extensas, seja pelo esgotamento do solo que com tempo ocorre um desgaste da terra e a agricultura não supre as necessidades de subsistências alimentícias das famílias.

O habitat ideal para os Guaranis, além de o espaço ser amplo a terra, tem que ser cultivável, cercado de mata conservada e florestada, e perto de rio, por fim um lugar tranquilo, livre de intervenções externas onde possam viver a sua maneira política, econômica (reciprocidade) e cultural. A terra para esses povos não é algo em vias de pertencimento, e sim um espaço que faz parte de seu modo de ser.

Fica evidente, que a migração se faz necessária e a expansão de suas demarcações também. Para aquelas Tekohas que não são reconhecidas as problemáticas de conflitos diretos ou indiretos são mais presentes, as violentas disputas para viverem de forma digna conforme seus costumes culminam a propensão de deslocamento, no entanto o desafio maior é que não tem para onde fugir, já que as maiorias das terras possuem donos e são privatizadas, dependendo de pequenas doações de lotes de terras de ONGs, igrejas ou concedidas temporariamente pelos “donos de terras” ou vivendo em condições precárias como em beiras de estradas, já que sua presença não inibe construções “desenvolvimentistas”. A construção da hidrelétrica da Itaipu Binacional em 1970 confirma isso, que culminou o alagamento de 40 Tekohas de guaranis que viviam nas proximidades do rio Paraná. Pressionados, os Guarani que habitam a margem esquerda do rio Paraná foram buscar abrigo nas terras paraguaias (CARVALHO, 1981) e outros se espalharam pelo interior dos estados brasileiros.

Considerações finais

O projeto que se busca desenvolver, será uma medida para compreender sobre a mobilidade e conexões internas e externas da população Guarani na região de fronteiras (Argentina, Brasil e Paraguai) identificando aspectos territoriais, espaciais, fundiários, de migrações e relações transfronteiriças, dimensões do direito consuetudinário e percepções dessa população sobre temas contemporâneos. Como método visa difundir conhecimentos

científicos sobre os saberes, práticas e direitos da população guarani com vista a construção de indicadores historiográficos e proposições para intervenções em políticas públicas no marco do Mercosul social, estados, centros de ensino e o fomento para inserção de indígenas na universidade na dimensão da interculturalidade. Utilizando como fontes teóricas elementos da história indígena produzidos por diferentes autores bem como os conceitos modernos de colonialidade, buscando compreender que as diferentes relações estabelecidas foram mediadas por um pensamento colonial que se apresentava em diversas modalidades (Encomenderos, Bandeirantes, Igreja etc), porém com um único pensamento de converter o outro, desintegrando, descaracterizando e transformando-os em um não indígena.

Além de leis específicas quanto a concessão de terras comunitárias, é cabível averiguar demandas cotidianas desses povos que transitam entre os países, seja por motivos sociais, culturais ou religiosos, a burocracia nas aduanas consequente desses deslocamentos tem dificultado o ir e vir deles. A criação de limites entre os países, ou seja, as fronteiras é uma criação da construção dos Estados Nacionais, que excluíram povos como os Guaranis em sua formação, para esses indígenas além de não existirem essas limitações, as burocracias também se fazem desnecessárias em sua forma de viver. No decorrer da pesquisa será averiguado através de acervo historiográfico e arqueológico sobre a ocupação Guarani antes da ocupação colonial, as dinâmicas e mobilidade, comprando com os discursos e práticas contemporâneas dessa população, buscando compreender as rupturas e continuidades do pensamento mítico e sociocultural a fim de perceber os desafios contemporâneos. Para esse análise serão utilizados acervos documentais da historiografia do Prata comparando com os discursos contemporâneos coletados pela metodologia da história oral e da etnologia, bem como discursos políticos transcritos em documentos das organizações Guarani da região.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX:** dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Rio de Janeiro/São Paulo. Contraponto/Ed. Unesp. 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRIGHENTI, Clovis A. **Estrangeiros na Própria Terra:** Presença Guarani e Estados Nacionais. Chapecó-Florianópolis: Argos/EdUFSC, 2010.

CHAMORRO, Graciela. **A espiritualidade Guarani:** Uma teologia ameríndia da palavra. São Leopoldo: SINODAL, (Série teses e dissertações, v. 10), 1998

- CLASTRES, Hélène. **Terra sem mal**. O profetismo tupi-guarani. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. p.86.
- KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Bauru. Edusc, 2002.
- LITAIFF, Aldo - O “kesuita” guarani: mitologia e territorialidade. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 142-160, jul./dez. 2009.
- MELIÀ, Bertomeu et al. **O Guarani**: Uma bibliografia etnológica. Santo Ângelo: Fundames, 1987.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.
- SILVA, Helenice R. “Rememoração”/comemoração: as utilizações da memória. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol.22, n. 44, p. 425-438, 2002.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: vozes, 2000.
- MELIÀ, Bartomeu. A experiência religiosa Guarani. In: MARZAL, Manuel M. **O Rosto Índio de Deus**. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 293-357. (Col. Teologia da Libertação, série VII, v. 1).
- NOELLI, Francisco S. Silva. Curt Nimuendajú e Alfred Métraux: a invenção da busca da “terra sem mal”. **Suplemento Antropológico**, Asunción, 34 (2): 123-166, dez.1999.
- SUSNIK, Branislava. **Los Aborígenes del Paraguay**. Etnohistória de los Guaranies. Época colonial. II. Asunción: Museo Etnografico Andres Barbero, 1979-1980.
- WILDE, Guillermo. **Region y poder en las misiones de Guaranies**. Buenos Aires: Editorial Sb, 2009.